



Revista CLEA

1er semestre Año 2020



ISSN 2447-6927

Consejo Latinoamericano de Educación por el Arte



REVISTA CLEA

Número 9, primer semestre año 2020.

ISSN 2447—6927

Dirección:

Rua Ouro Preto 1938, Bairro Francisco Pereira, Lagoa Santa - MG
Brasil
CEP: 33400-000

Correo electrónico:

consejolatinoamericanoclea@gmail.com
revistaclea@redclea.org

Página Web:

<http://www.redclea.org>

Portada: “Hojas de otoño”. Técnica mixta sobre madera. 60 x 40 cms.
Autor Juan José Aguayo. Argentina

Diagramación Revista:

Patricia Raquimán O.

Los artículos son de exclusiva responsabilidad de los autores.

Cinema, Museu e o campo expandido da Arte: Entrevista com Ana Mae Barbosa

Luciano de Melo Dias, Nélia Lúcia Fonseca. Brasil

RESUMO

Este artigo apresenta uma entrevista com a professora Ana Mae Barbosa, principal referência em Ensino da Arte no Brasil, realizada durante o Encontro Internacional de Educação Artística na Universidade do Porto em 2012. Ao longo da nossa convivência em torno do Encontro, registramos em vídeo um bate papo sobre ensino da arte, cinema e audiovisual, museus, e sobre temas de pesquisas no campo expandido da Arte.

Palavras chave: Ensino da Arte, cinema, museu, design

RESUMEN

Este artículo presenta una entrevista con la profesora Ana Mae Barbosa, principal referencia en la enseñanza del arte en Brasil, celebrada en el Encuentro Internacional de Educación Artística en la Universidad de Porto en 2012. Durante nuestra convivencia en torno al Encuentro, grabamos un video charlar sobre la enseñanza del arte, cine y audiovisuales, museos y temas de investigación en el campo expandido del arte.

Palabras clave: enseñanza del arte, cine, museo, design

ABSTRACT

This article presents an interview with teacher Ana Mae Barbosa, main reference in Art Teaching in Brazil, held at the International Meeting of Art Education that took place at the University of Porto in 2012. During our coexistence around the congress, we recorded on video a chat about art teaching, cinema and audiovisual, museums, and research topics in the expanded field of Art.

Keywords: Art education, cinema, museum, design



A foto da Profª Ana Mae é um frame do vídeo em que ela nos deu entrevista

A entrevista com a Profª Dra. Ana Mae Barbosa nos traz questões fundamentais para pensar a relação do cinema e das novas mídias com a educação dentro do recorte do ensino da arte. Realizada no Encontro Internacional de Educação Artística na Universidade do Porto em 2012, percebemos que embora tenha se passado quase dez anos, muitas discussões permanecem vivas e atuais. Tendo como panorama o ensino da arte, conversamos sobre cinema, *design*, atividades em museus, entre outros temas de orientação da professora no campo expandido das Artes.

Ana Mae Barbosa é educadora brasileira e uma das pioneiras em pesquisa no campo da Arte e da Arte/Educação. É autora de vários livros e artigos sobre esses assuntos, foi uma das fundadoras da Federação de Arte/Educadores do Brasil (FAEB), sendo considerada militante e defensora do Ensino de Arte nas escolas públicas e privadas, bem como nos mostra a necessidade de ter um departamento educativo nos museus de arte. Atualmente está aposentada da pós-graduação em Arte/Educação da ECA-USP, mas continua a orientar na Universidade Anhembi-Morumbi e a participar de eventos e congressos.

Essa entrevista foi concedida aos estudantes Luciano de Melo Dias e Nélia Lúcia Fonseca membros do grupo de pesquisa Laboratório de Audiovisual (Laborav) coordenado pela Profª Dra Alita Villas Boas Sá Rego dentro do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da

Baixada Fluminense (FEBF) campus pertencente à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Nesse sentido, a dupla optou por colocar o Laborav como entrevistador.

Laborav- Prof^a Ana Mae Barbosa, a gente tem percebido nos últimos anos um avanço nos meios de informação e comunicação, os computadores, os telefones celulares, a internet, de que maneira você acha que isso pode impactar na prática da educação artística, do ensino de Arte na escola?

Ana Mae Barbosa - Não tem que impactar, tem que ser incorporada. Eu acho importantíssimo que se trabalhe com cinema nas aulas de arte, que se trabalhe com vídeo, que se trabalhe com arte, com as novas tecnologias e a arte também, então eu acho que isso é importantíssimo. Eu tenho um amigo que é professor em Sevilha, o professor Juan Carlos Araño que diz uma coisa seríssima que é preciso que a gente pense: se as artes visuais na escola não incorporarem as novas tecnologias, a tendência é deixar de existir na sala de aula. Eu acho que ele tem toda razão, eu acho que em São Paulo, por exemplo, as artes visuais já têm diminuído muito na sala de aula, a favor de música que é exigido hoje como uma disciplina em separado e a favor do teatro. O teatro está entusiasmando mais a juventude do que as artes visuais. Não há quem agüente entrar numa aula de arte e fazer ainda aqueles desenhos de observação, extremamente técnicos, trabalhar com propostas de decorativismos e etc., quer dizer: o lápis e o papel só não satisfazem mais.

O cinema é algo importantíssimo, mesmo o cinema comercial para levar a discutir os filmes na sala de aula, eu acho que a arte é entretenimento, mas é entretenimento que leve a pensar, então é importantíssimo que se leve a pensar acerca das imagens e o cinema é o veículo de educação emocional, do sentimento. Eu, por exemplo, a minha geração, fez sua educação sentimental, a sua educação emocional nos grandes filmes de Hollywood. Era o maravilhoso príncipe encantado e o final feliz era o casamento sem discussão, sem questionamento. Então nos ferraram com isso, essa concepção levou à minha geração de mulheres esse ideal do casamento e do vestido de noiva como a finalidade máxima da vida.

Então é preciso que a gente traga o cinema para a sala de aula, que discuta e que faça cinema com nossos alunos. Hoje a facilidade que existe com os celulares, pequenos filmes que se possa discutir. Na Bahia, a Secretaria de Educação tem um projeto de cinema na educação todo ele com celular, foi um dos trabalhos premiados pela Organização dos Estados Ibero-

americanos, dois anos atrás no México¹. Eu acho absolutamente fundamental não esquecer as artes visuais baseada nas novas tecnologias.

Laborav - Por ocasião desse encontro de educação artística, ontem a senhora estava falando sobre a posição do museu e a relação da classe dominante com o museu, que na verdade a classe dominante impõe sua cultura porque é quem tem o dinheiro para bancar o museu e escolhe as obras dos outros. A gente também de certa maneira observa que isso acontecia com o cinema à medida que os meios de produção eram muito caros e inacessíveis pra que se produzisse fora e se ter uma grande produtora ou um grande dinheiro. Como é que você acha que isso pode mudar a educação? A forma de pensar dos alunos? Será que esse avanço tecnológico vai democratizar essa escolha do que deve ser contado?

Ana Mae Barbosa - Eu acho que não é o avanço tecnológico, é a vontade dos artistas. São os artistas e os professores de artes os atores fundamentais para democratização dos museus. Primeiro o professor deve começar qualquer visita ao museu, fazendo os alunos pensarem que aquilo ali não é verdade absoluta, não é qualidade absoluta o que está ali dentro do museu. Desconfiar do museu é a primeira lição e depois vamos ver. Aí vamos exercitar nossa capacidade crítica. Vamos ver os artistas criando variáveis; o artista que vai pra rua. Como eu mostrei ontem: Dois artistas (Maria Amélia e Dalton)² que se juntam e horrorizados pela maneira como é vista a arte do povo, a produção cultural do povo, como a cultura visual do povo é desprezada, num barco colocam produção de altíssima qualidade, segundo eles, para viajar o rio São Francisco e parar em cidades ribeirinhas e reunir produtores locais, populares, ir à escola, trazer os alunos ao barco para verem a coleção dentro do barco e assim por diante... O artista tem poder, os professores têm poder. Pensem: numa cidade, por menor que ela seja, não tem advogado, não médico, pode não ter até o padre, mas tem um professor. Então o professor tem um poder que não sabe que tem: o poder de abrir os horizontes dos seus alunos ou o poder de trancá-lo em seu mundo pequeno e mediocrizante.

¹ Cinemação: uma ideia na cabeça, um celular na mão: práticas educacionais realizadas com as linguagens audiovisuais (Bahia). SUDEB / DIREP / Coordenação de Tecnologias Alternativas para o Ensino. Mais informações em <http://pat.educacao.ba.gov.br/conteudos-digitais/conteudo/exibir/id/72>

² O Barco Museu *No Balanço das Águas* é um projeto do casal de artistas contemporâneos Dalton Costa e Maria Amélia Vieira, criado em 2008 e que navega pelas águas do rio São Francisco para expor trabalhos da área das artes visuais e promover oficinas de arte, fazendo interagir profissionais com pessoas desejosas de expressão artística em um barco itinerante. Mais informações sobre o projeto em <https://www.karandash.com.br/pt/Museu>

Laborav - Então você acha que esses conceitos aplicados ao museu também podem ser aplicados ao cinema, ao audiovisual?

Ana Mae Barbosa - O cinema, como você mesmo disse já se democratizou, se pode fazer cinema com muito menos dinheiro e daí até nas instituições os prêmios já têm sido dados para filmes que gastam pouco dinheiro, não necessariamente filmes que gastaram uma fortuna. A gente tem que combater como as *Guerrilla Girls*³ combateram os museus. Como é que elas combateram? Não tem mulher no museu, obra de mulheres é difícil de entrar no museu e elas faziam campanhas na frente dos museus, todas mascaradas pra ninguém reconhecê-las, faziam campanhas na frente dos museus contra isso. Era assim: 0,1% de mulheres na coleção do museu... Isso foi levando as obras de mulheres que estavam há anos e anos na reserva do museu, que estavam no porão, a começarem a subir para a sala de exposição. Acho que agora temos que combater essa dominância, essa tremenda dominância do patrocinador, a ditadura do patrocinado, do colecionador em cima do museu, do que o museu apresenta, da qualidade do que se escolhe para o museu.

Laborav - É também o papel do professor estimular para que os alunos corram atrás de ter visibilidade para sua produção e não ficar só passando filmes de Hollywood, que têm seu valor, mas que não...

Ana Mae Barbosa - Um diretor tem tanto poder no museu que ele pode condenar uma obra eternamente a ficar lá debaixo no porão, na reserva técnica. Imagina no Brasil, quanta porcaria tem nos museus, passou por uma ditadura, era assim... O filho do general, o filho do deputado, o primo do senador, a comadre do vereador, quer ter obra no museu e o museu era obrigado a aceitar. Deve ter acontecido muito disso, é uma tese até a se fazer, é uma pesquisa para tese. Uma coisa dessas, as obras que entraram por imposição de poder no museu durante a ditadura.

Laborav – Geralmente o cinema até então é tido como uma coisa isolada, embora seja sétima arte...

Ana Mae Barbosa – Eu acho que cinema é arte e é comunicação também, assim como as artes visuais, é arte e é comunicação também, é linguagem e é comunicação também. Nós

³ Guerrilla Girls é um grupo de artistas feministas anônimas, formado em Nova York em 1985, que tem a missão de trazer à público a desigualdade de gênero e raça dentro da comunidade artística. Mais informações em <https://www.guerrillagirls.com/>

tivemos muita sorte na Universidade de São Paulo, pois as artes não foram criadas como belas artes, já foram criadas depois do belo, da falência do belo... já foram criadas junto com a comunicação: nós temos uma escola de comunicação e artes. Muito cedo nós trabalhamos com o campo expandido da arte, principalmente na arte/educação, quer dizer que cultura visual não é novidade para nós, nós já trabalhávamos com vídeo, já trabalhávamos com publicidade, já analisávamos o cinema. Um dos primeiros cursos que eu dei na ECA foi um curso sobre educação através do cinema, projetávamos filmes que enfocavam problemas escolares, escolas, filmes, mas filmes de ficção. Eu me lembro que um dos filmes que a gente analisou para ver a educação da mulher foi aquele da Ana Carolina⁴, um filme no qual as alunas de cima de um prédio jogavam pela janela um piano. Quer atitude mais emblemática, mais simbólica do que essa? A tortura da educação das mulheres de elite era o piano: todo mundo tinha que aprender piano, aprender a bordar um pouquinho, a pintar um retrato de alguém pra ser um bom partido, para um homem importante e rico casar com ela... que atitude mais emblemática! Então essas coisas, isso aí foi década de 1980, era um disciplina de pós-graduação toda baseada em cinema, e o pior era que a gente não tinha dinheiro para alugar os filmes. Tinham algumas produtoras que trabalhavam até com filmes pornográficos na boca do lixo em São Paulo e disseram: “bom, a gente não pode entregar para vocês, emprestar de graça, isso não pode, mas se vocês vierem pra cá, a gente tem sala de cinema e vocês podem ver aqui”. Então a gente ia ver cinema na boca do lixo para não ter que pagar o aluguel de filme.

Você me perguntou se eu tenho orientado: eu não induzo nenhum tema. Na USP, por exemplo, eu estou afunilando a minha participação. Eu só oriento doutorados e em história e ensino das artes e culturas visuais, só alguma coisa que tenha a ver com a história, mas a história pode ser contemporânea. Agora, na Anhembi Morumbi é vastíssimo o universo daquilo que eu oriento. Semana passada eu acabei de orientar sobre desenho de som, *design* de som, o que é *sound designer*? Numa pesquisa, por exemplo, antropológica, o aluno fez um trabalho de recolha de música dos índios guaranis em São Paulo⁵. O que é o designer de som? Como os índios participaram desse design de som? É um trabalho magnífico de

⁴ *Das Tripas Coração*. Direção: Ana Carolina (1982).

⁵ Penna, José Henrique Mano (2012) O design de som para o projeto Memória Viva Guarani – a concepção projetual em produções fonográficas ligadas à música dos índios Guarani. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi.

mestrado. Uma sobre cenografia para desfile de moda⁶; outra sobre design e artesanato, como os designers estão influenciando os artesanatos⁷; a outra sobre as capas de disco do Tom Zé⁸, que no fim foi uma tese sobre o Tom Zé e o tropicalismo e como o Tom Zé tende a ser um designer total porque não só influencia no design da capa do disco, mas na roupa que ele veste, no espetáculo, enfim em tudo e até faz o instrumento que toca também.

Algumas coisas um pouco menos interessantes para mim como, por exemplo, a importância da pesquisa no design de produtos, isso é mais acadêmico, já saiu em livro esse mestrado⁹. Foi talvez o que eu tenha me sentido menos confortável para trabalhar com o aluno, porque o design de produtos não é bem a minha área visual; o design gráfico sim, eu fiz minha educação pra design no Gráfico Amador em Recife na época em que Aloisio Magalhães era vivo, foi uma grande escola para mim. Então é por aí que eu estou orientando, nessas linhas... Por exemplo, na arquitetura tive uma tese sobre a análise de um prédio da própria Universidade Anhembi Morumbi, um prédio que seria destinado à escola de Arquitetura e não foi. O pós-uso desse prédio como mudou o projeto? Por não ter sido usado pra aquilo a que se destinava que mudanças foram provocadas no espaço, no prédio? Então é variadíssimo, para mim é muito excitante o trabalho na Anhembi Morumbi por isso, pela enorme variedade de temas que eu sou obrigada a estudar com os alunos e isso é riquíssimo.

Laborav— Você pegou alguma orientação sobre produção de cinema e vídeo na sala de aula?

Ana Mae Barbosa – Não, não peguei, eu sigo o que o aluno quer fazer, eu não induzo. Eu estou começando agora com um que é sobre fotografia na escola de ensino médio, ela só trabalha com fotografia nas aulas de arte, só fotografia com os alunos, então vamos ver..., mas está muito no começo¹⁰. Eu gosto muito de orientar em mestrado, acerca do trabalho da pessoa, se é professora, o que é que você está ensinando na sala de aula? Vamos pensar isso? Sob que perspectiva? Aí o aluno vai... Nós escolhemos juntos que

⁶ Marinho, Cláudia Teixeira. A cenografia nos desfiles de moda. 2009. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi.

⁷ Roizenbruch, Tatiana Azzi (2009) O jogo das diferenças: design e arte popular no cenário multicultural brasileiro. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi.

⁸ Lima, Márcio Soares Beltrão de (2010) O design entre o audível e o visível de Tom Zé Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi.

⁹ Facca, Claudia Alquezar. (2011) Uma Abordagem Metodológica da Pesquisa Aplicada ao Design de Produtos. São Paulo: Ed. Blucher.

¹⁰ Esse mestrado foi defendido em 2014 por Dora Lilia de Campos Sabor. *A fotografia no ensino fundamental de uma escola pública*. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi.

perspectiva, quais as bibliografias. Eu acho que cerceamento de bibliografia é um absurdo, está acontecendo em mestrados e em doutorados do Brasil isso e eu acho extremamente condenável o orientador cercear bibliografia. Não vai esse daqui porque é meu inimigo; não vai esse porque não é esse assunto, não pode misturar semiótica com cultura visual... Por que não? Quem vai dizer se pode é quem vai fazer a tese, então eu acho que as proibições nas universidades são coisas medievais.

Porto, Portugal. Abril de 2012.

REFERENCIAS

Facca, Claudia Alquezar. (2011). *Uma Abordagem Metodológica da Pesquisa Aplicada ao Design de Produtos*. São Paulo: Blucher.

Lima, Márcio Soares Beltrão de. (2010). *O design entre o audível e o visível de Tom Zé*. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

Marinho, Cláudia Teixeira. (2009). *A cenografia nos desfiles de moda*. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

Penna, José Henrique Mano. (2012). *O design de som para o projeto Memória Viva Guarani – a concepção projetual em produções fonográficas ligadas à música dos índios Guarani*. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

Roizenbruch, Tatiana Azzi. (2009). *O jogo das diferenças: design e arte popular no cenário multicultural brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

Sabor, Dora Lilia de Campos. (2014). *A fotografia no ensino fundamental de uma escola pública*. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.



Luciano de Melo Dias. Doutorando em Educação pelo PPGE-UFRJ, Mestre em Educação Cultura e Comunicação pela FEBF-UERJ, licenciado em Educação Artística pela UFRJ. Professor do CEFET/RJ. Email: lucianomelodias@hotmail.com



Nélia Lúcia Fonseca. Doutoranda em Artes pelo PPGARTES-UFGA, Mestra em Educação Cultura e Comunicação pela FEBF-UERJ, graduação em Educação Artística - habilitação Desenho pela União das Escolas Superiores do Pará (1991). Professora da Fundação Escola Bosque Prof. Eidorfe Moreira e professora aposentada da SEDUC/PA. Email: nelialucia@yahoo.com.br